

O FEBEAPÁ VISTO D'ALÉM MAR

Saí do Brasil logo após as eleições em primeiro turno e voltei apenas após o segundo. Não se preocupem, não vou fazer uma camiseta *fake* do Ronalducho (tipo “Não tenho nada a ver com isso, votei no Haddad”). Angustiado e pesaroso, acompanhei d’além mar as más notícias, as pesquisas de opinião que mostravam a dianteira do candidato do protofascismo tropical e a inevitável vitória do atraso e do autoritarismo. Mais ainda porque serão meus filhos e netos que sofrerão os efeitos deletérios destes tempos de ódio e burrice exacerbada.

As coisas que li nas redes sociais, aperreado, me deixaram estupefato, tal o imenso “Festival de Besteiras que Assola o País - Febeapá” e mentiras propagadas pela campanha vencedora e seus seguidores. Nem Stanislaw Ponte Preta, criador do Febeapá nos longínquos anos 60 e início da ditadura militar, teria ousado inventar coisas tão estapafúrdias sobre os perigos do “comunismo” que nos espreitava ou o “kit gay” e a “mamadeira de piroca”. No entanto, teve muita, mas muita gente mesmo que frequentou bancos escolares e diz saber ler e escrever que acredita nisso. Sempre ouvi dizer que o comunismo jamais poderia se instalar no Brasil, pois tudo esculhamba neste país de Macunaíma. Ou que se comunismo fosse ruim de verdade, já teria chegado ao Brasil muito tempo atrás. Aliás, voto no PT desde os anos 80 e esse tal de “comunismo” sempre anunciado nunca apareceu.

Mas aqui, terra dos “sobrinhos do capitão”, não. Um famoso “colunista social” (eufemismo para puxa-saco de ricos e novos-ricos provincianos) escreveu uma espantosa e hilariante diatribe sobre Lênin (falecido em 1922) como se sua múmia embalsamada estivesse ali na esquina pronta para assumir a presidência do país. Mas não parou por aí, o colar de pérolas escrito por suas seguidoras como “formador de opinião” que acreditaram naquilo seria digno do anedotário nacional e local não fossem apenas a expressão pura do derretimento da razão diante das trevas que estão retornando. Já sabem, se a Idade Média e a Terra Plana voltarem, estarei ao lado das bruxas.

Nada disso deveria espantar nesta aldeia do Tucanistão. Na Bahia, temos Daniela. Aqui, tivemos Zé Mercúri, o vereador que fez escola, são quinze clones na Câmara Municipal. Brodowski nos legou a pintura de Cândido Portinari, aqui temos idolatrada a de Cariolato, que me disse numa conversa que admirava a pontualidade dos trens nos tempos de Mussolini. Socialista do passado era o professor Alfredo Henrique Costa, inatacável por sua postura ética. De hoje, o oportunista Roberto Engler, tucano que mudou de casaca para não perder a boquinha na Assembleia Legislativa. E ainda apoiou o capitão.

Serão tempos difíceis, de união e resistência democrática. Já enfrentamos uma vez, faremos de novo. Semana que vem conto das peripécias do outro lado do oceano, pois como Chico Buarque imortalizou em letra e música, “Sei que há léguas a nos separar, tanto mar, tanto mar, sei também quanto é preciso, pá, navegar, navegar, canta a primavera pá, cá estou carente, manda novamente algum cheirinho, de alecrim”. O “Bananão” de Ivan Lessa do Pasquim revive. Como disse Haddad: “Não tenham medo. Nós estaremos aqui. Nós estamos juntos”.

Mauro Ferreira é arquiteto

